



Fichte e Jacobi sobre especulação e vida

Fichte and Jacobi on speculation and Life

Hans Christian Klotz*

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil

Resumo

O objetivo deste artigo é elucidar a polêmica entre Fichte e Jacobi na fase da Doutrina da Ciência nova *methodo*. Defende-se que nessa fase a oposição jacobiana entre “especulação” e “fé” (ou “vida”) cunhou a metodologia da Doutrina da Ciência. Como mostram os escritos de Fichte que estão relacionados com a querela do ateísmo, Fichte apropriou-se da crítica de Jacobi ao conhecimento do entendimento que se orienta exclusivamente pelos princípios da explicação teórico-constitutiva e adotou a concepção da Doutrina da Ciência como uma elucidação do “condicionado” que parte da evidência da fé, esta evidência sendo entendida como essencialmente prática. Sob esse aspecto, a metodologia da Doutrina da Ciência nova *methodo* corresponde à concepção do conhecimento da “razão” que Jacobi apresentou na segunda edição do seu livro sobre a doutrina de Espinosa. No entanto, apesar desse consenso com Jacobi há uma divergência entre a

* HCK: Doutor, e-mail: klotz.chr@gmail.com.

posição de Fichte e a de Jacobi, na medida em que a Doutrina da Ciência não adota o realismo acerca dos objetos da experiência que é indispensável no ponto de vista da “vida”, submetendo este a uma explicação construtiva.

Palavras-chave: Fichte. Jacobi. Saber. Fé. Vida.

Abstract

This paper aims to elucidate the controversy between Fichte and Jacobi at the stage of the Science of Knowledge “nova methodo”. It is contended that, at this stage, the Jacobian opposition between “speculation” and “faith” (or “life”) coined the methodology of the Science of Knowledge. As shown by Fichte’s writings related to the controversy on Atheism, Fichte had appropriated Jacobi’s arguments against the knowledge of understanding – which is exclusively oriented by the principles of theoretical-constructive explanation – and adopted the conception of the Science of Knowledge as an elucidation of the “unconditioned” that stems from the evidence of faith, this evidence being understood as essentially practical. In this respect, the methodology of the Science of Knowledge nova methodo corresponds to the conception of the knowledge of “reason” that Jacobi presented in the second edition of his book on Spinoza’s doctrine. However, despite this agreement with Jacobi, a divergence arises between the positions of Fichte and Jacobi, since the Science of Knowledge does not adopt a realist attitude towards the objects of experience, which is indispensable from the point of view of “life”, thereby submitting the latter to a constructive explanation.

Keywords: Fichte. Jacobi. Knowledge. Faith. Life.

Introdução

No período de 1796 a 1799, no qual Fichte apresentava a segunda versão da doutrina da ciência — a Doutrina da Ciência *nova methodo* — a relação com Jacobi tornou-se cada vez mais importante para seu pensamento. Pode-se até dizer que nesse período a relação com Jacobi tornou-se um fator *constitutivo* do seu pensamento, que influenciou a concepção sistemática da doutrina da ciência. O que está em foco na

polêmica com Jacobi é a relação entre a “especulação” (ou “teoria”) e a “fé” no sentido das crenças que são indispensáveis na vida. O posicionamento de Fichte nessa polêmica mostra uma afinidade com o pensamento de Jacobi e ao mesmo tempo uma distância crítica com ele. No que segue, pretende-se elucidar esses dois aspectos da relação de Fichte com Jacobi. Porque, só ao levar em consideração a afinidade do pensamento de Fichte com o de Jacobi e a divergência com este pode-se entender de que modo, nessa fase, a relação com Jacobi se tornou um fator determinante do pensamento de Fichte. A exposição divide-se em três passos: primeiro, será resumida a concepção jacobiana da ‘especulação’ e da ‘fé’ que é o pano de fundo não só da crítica de Jacobi a Espinosa, mas também da sua crítica a Fichte. Num segundo passo pretende-se mostrar que Fichte adotou elementos do pensamento de Jacobi de tal modo que estes se tornaram constitutivos da própria concepção da doutrina da ciência. Num terceiro passo busca-se esclarecer em que medida, apesar do alto grau de consenso, Fichte distancia-se de Jacobi no que diz respeito à compreensão da relação entre “especulação” e “vida”, tal que o distanciamento e a convergência com Jacobi revelam aspectos decisivos para a compreensão da metodologia da Doutrina da Ciência *nova methodo*¹.

Especulação e vida em Jacobi

A crítica de Jacobi à especulação baseia-se numa concepção da compreensão teórica que visa ambos elucidar sua estrutura e demarcar seus limites. Segundo uma tese fundamental de Jacobi que é defendida já no seu livro sobre a Doutrina de Espinosa², a explicação teórica

¹ Em KLOTZ (2002) abordei os aspectos da disputa entre Fichte e Jacobi sobre “especulação” e “vida” que são apresentados aqui ao relacioná-los com outros elementos da concepção fichtiana da filosofia na fase da Doutrina da Ciência *nova methodo*, particularmente com as concepções metodológicas do postulado e da intuição intelectual (ver pp. 23 ss.). Para uma discussão esclarecedora da relação do pensamento tardio de Fichte com a posição de Jacobi que não pode ser contemplada neste artigo, ver IVALDO (1998) e (2004).

² *Über die Lehre des Spinoza in Briefen an den Herrn Moses Mendelssohn* (Sobre a Doutrina do Espinosa em Cartas ao Senhor Moses Mendelssohn) (primeira edição: Breslau 1785, segunda edição: ibid. 1789).

exige um acesso *constutivo* ao objeto. Ela exige compreender seu objeto como algo que pode ser construído (ou reconstruído) através de um procedimento que é definido por leis. Segundo Jacobi, a construção matemática, bem como a explicação de objetos reais, pode ser subsumida sob essa concepção. Assim, para o autor, há uma ligação intrínseca entre a explicação teórica e a compreensão do objeto como estrutura construtível ou, nos termos do mesmo prefere usar, como algo “mediatizado” (*Vermitteltes*) ou “condicionado” (*Bedingtes*). Na medida em que se busca tal conhecimento, só pode ser contemplado aquilo que se pode “reproduzir mecanicamente” (Jacobi, 1998 ss., 1,1, p. 118). Com esse resultado também o limite da compreensão teórica está demarcado: o que não é acessível ao procedimento construtivo não pode ser objeto de tal conhecimento. De acordo com o autor, isso aplica-se à liberdade humana bem como ao deus teísta, o criador do mundo dotado de inteligência e vontade. Assim, a metafísica de Espinosa, que nega a realidade da liberdade da vontade humana e a existência do deus pessoal, evidencia-se como figura consequente da “metafísica pura”, isto é, de uma metafísica que se orienta pelos princípios da explicação teórica (Jacobi 1998 ss., 1,1, p. 128).

Jacobi caracterizou a convicção de que existe algo que não é acessível à explicação construtiva como ‘fé’, atribuindo a ela uma certeza peculiar e imediata. É à fé, e não ao conhecimento construtivo que devemos as crenças que subjazem à nossa vida. Com isso, Jacobi estabelece uma distinção entre ‘especulação’ e ‘fé’ (ou ‘vida’) que exclui uma continuidade entre os dois — só através de um ‘salto mortale’, para citar a formulação famosa de Jacobi, podemos passar da visão de mundo especulativa para as crenças que podem fundamentar a nossa vida (JACOBI, 1998 ss., 1,1, p. 20) No entanto, cabe observar que tal resultado se aplica só em relação à razão “que se tornou especulativa” e que “admite só o que ela pode reconstruir” (*nachmachen kann*) (JACOBI, 1998 ss., 1,1, p. 118). Porque não é necessário que a busca do conhecimento adote a distinção da compreensão construtiva como seu único fim: em vez disso, ela pode fundar-se na certeza peculiar da fé e buscar entender uma realidade que não é construtivamente explicável como condição daquilo que é acessível a tal explicação. Em

tal abordagem, a explicação e a demonstração possuiriam apenas um papel subordinado. É nesse sentido que — numa das passagens mais conhecidas da sua exposição de Espinosa — Jacobi vê a tarefa do pesquisador em “desvendar e revelar o ser-aí” (*Daseyn zu enthüllen und zu offenbaren*) (JACOBI, 1998 ss., 1,1, p. 29). Na segunda edição do seu livro sobre Espinosa, como consequência dessa tese, Jacobi desenvolve uma concepção da razão (*Vernunft*) segundo a qual o conhecimento da razão está essencialmente relacionado com algo “incondicionado”, fundando-se assim na certeza imediata da fé. A especulação que busca apenas a distinção da compreensão construtiva é distinguida disto, sendo caracterizada como mero conhecimento do “entendimento”³.

No seu livro *David Hume oder über den Glauben*, o filósofo dá continuidade à sua investigação sobre as implicações e limites da especulação, no entanto, agora passando para um outro contexto sistemático no qual Kant, e não mais Espinosa, aparece como principal representante da especulação.⁴ Num primeiro momento parece que a intenção de Jacobi aqui é refutar a crítica de que ele ensinaria uma “fé cega” por apresentar a filosofia de Hume como precursor e fiador da sua própria posição. No entanto, ao discutir o pensamento de Hume, Jacobi dá um passo que leva para além do que já foi dito no livro sobre Espinosa. Agora fica necessário considerar as consequências da “especulação” no campo da reflexão *epistemológica*. Pois a concepção humiana da crença na existência de objetos externos como ‘fé’ é uma reação à problematização dessa crença que caracteriza a epistemologia moderna. Nesse contexto de reflexão epistemológica, a especulação apresenta-se para Jacobi como a tentativa de dar uma explicação construtiva da crença na existência de objetos externos, ou seja, de compreendê-la como resultado de uma inferência que a mente opera a partir da sua consciência dos seus estados perceptuais. Segundo Jacobi, a especulação necessariamente adota a forma de tal explicação quando ela se volta para a natureza da crença na existência de objetos externos, porque é essencial

³ Ver o Suplemento VII que Jacobi acrescentou na segunda edição do livro, JACOBI, 1998, 1,1, p. 259 ss. Para uma interpretação pormenorizada do Suplemento, ver SANDKAULEN (2000), particularmente p. 229-263.

⁴ *David Hume oder über den Glauben, oder Idealismus und Realismus. Ein Gespräch* (David Hume ou sobre a Fé. Um diálogo) (Breslau 1787).

para ela buscar a distinção da compreensão construtiva. Logo, a estrutura fundamental da especulação continua sendo a mesma que foi atribuída à ‘metafísica pura’, isto é, à teoria de Espinosa.

No entanto, para Jacobi isso significa que a especulação, quando ela se torna teoria do conhecimento, não é capaz de compreender o caráter peculiar da nossa relação com a realidade que se dá na fé. Porque a natureza da fé é tal que sua explicação construtiva é incompatível com seu conteúdo. A fé na existência de objetos externos envolve a crença de que uma realidade que independe do nosso pensamento e da nossa experiência está *presente* para nós. Segundo Jacobi, tal crença não pode ser explicada construtivamente. Porque se ela é explicada como resultado de operações inferenciais do sujeito, tal explicação contradiz aquilo que se pensa nela. Portanto, a explicação especulativa destrói essa crença, em vez de elucidá-la. Por isso, Jacobi conclui que “unicamente o idealismo é compatível com a razão especulativa” (Jacobi, 1998 ss., 2,1, p. 32). No entanto, por suspender o realismo que, segundo Jacobi, subjaz à pretensão de objetividade dos nossos juízos, a especulação epistemológica parece ainda mais destrutiva do que a figura da especulação que – como a teoria de Espinosa – é “metafísica pura”. Por isso, a acusação de niilismo, que já está implícita na análise jacobiana no *David Hume*, surge só no contexto da crítica da aplicação do procedimento da especulação na teoria do conhecimento, e não na investigação sobre suas consequências numa metafísica que não reflete sobre as condições do conhecimento⁵.

No *David Hume*, Jacobi considera o idealismo transcendental de Kant uma figura recente da construção especulativa e consequentemente idealista da nossa relação com a realidade. No entanto, no suplemento *Ueber den Transscendentalen Idealismus* (Sobre o idealismo transcendental) Jacobi chega à conclusão de que a teoria kantiana é uma versão ainda inconsequente da especulação como teoria do conhecimento, porque o uso que Kant faz do conceito de coisa em si parece envolver um realismo que, segundo Jacobi, é incompatível com

⁵ O Idealismo, diz Jacobi no *David Hume*, “constrói um sistema que extermina completamente qualquer pretensão de conhecimento da verdade ...” (Jacobi 1998 ss., 2,1, p. 61).

o pensamento idealista (Jacobi 1998 ss., 2,1, p. 103 ss.). Dois anos depois, numa carta que foi ocasionada pela querela de ateísmo e o pedido público de Fichte pelo apoio de Jacobi, este reconhece e critica Fichte como representante consequente de uma teoria especulativa do conhecimento (FICHTE, 1962 ss, III/3, p. 224ss.). Portanto, Jacobi interpreta a Doutrina da Ciência sob o pressuposto de que ela é “especulação” no sentido de uma teoria que busca exclusivamente explicação construtiva, conceito este de especulação que já fora introduzido no livro sobre Espinosa⁶. E Jacobi reenfatiza em relação à teoria de Fichte a tese — já defendida no *David Hume* — de que a especulação enquanto reflexão sobre o conhecimento necessariamente tem por consequência uma posição idealista. Como a filosofia de Fichte explicitamente seria ‘saber do saber’, seu objetivo só pode ser o de apresentar toda a nossa relação epistêmica com a realidade como resultado de uma sequência de operações epistêmicas regidas por leis (FICHTE, 1962 ss., III/3, p. 231).

Segundo Jacobi, Fichte desenvolve tal explicação construtiva da nossa relação epistêmica com a realidade numa teoria unificada e consequente que não envolve mais nenhuma suposição realista (como a coisa em si kantiana). Com isso, a teoria fichtiana também não poderia reconhecer a perspectiva da fé na qual a realidade se ‘revela’ para o homem, por esta não ser acessível à compreensão construtiva (FICHTE, 1962 ss, III/3 p. 225). Assim, por ser uma especulação epistemológica consequente a Doutrina da Ciência levaria a uma posição que destrói o realismo inerente às nossas atitudes teóricas e práticas. É esse diagnóstico ao qual Jacobi em 1799 vai dar expressão ao falar do ‘niilismo’ da doutrina da ciência (FICHTE, 1962 ss., III/3, p. 245).

Aspectos da convergência entre Fichte e Jacobi

Considerando as observações de Fichte sobre Jacobi na fase da doutrina da ciência *nova methodo*, pode-se dizer que Fichte aceita um

⁶ Ver FICHTE, 1962 ss., III/3, p. 233/34, onde Jacobi explicitamente se refere ao conceito de especulação já introduzido na exposição do pensamento de Espinosa.

elemento importante da posição de Jacobi. Numa carta a Lavater do dia 7 de março de 1799, Fichte deixa claro que ele concorda com a exposição da “razão especulativa” que Jacobi deu no seu livro sobre Espinosa. No entanto, com isso Fichte reconhece só o diagnóstico de Jacobi acerca de uma metafísica que ele chamaria de ‘dogmática’; assim, Fichte menciona aqui Mendelssohn e Eberhardt como representantes do pensamento ao qual a análise e a crítica de Jacobi se aplicam. A ampliação desse diagnóstico para o campo da reflexão epistemológica que resulta na acusação de ‘niilismo’ em relação à explicação especulativa não é contemplada aqui (FICHTE, 1962 ss., III/3, p. 209). No entanto, já em escritos que antecedem a crítica explícita de Jacobi à doutrina da ciência fica claro que sob um aspecto importante Fichte está de acordo com a abordagem jacobiana sobre a explicação especulativa do conhecimento: no escrito *Über den Grund unseres Glaubens an eine göttliche Weltregierung* (Sobre o fundamento da nossa fé num governo divino do mundo), pelo qual Fichte foi acusado de ateísmo, e na *Apellation an das Publikum* (Apelo ao público), na qual o autor apresenta uma autodefesa que se apoia no pensamento de Jacobi. Aqui, Fichte tematiza o “raciocínio” autônomo, que deixa espaço a todos os questionamentos que são possíveis na teoria. Segundo Fichte, tal pensamento necessariamente suspende qualquer relação com a realidade que é essencial na vida. Assim, no primeiro escrito ele fala do “voou indomado do raciocínio”, que não tem “nenhum limite imanente”, que faz com que caiamos “no insondável que não tem limite” e que é “um oceano ilimitado” (FICHTE, 1962 ss., I/5, p. 351). No *Apelo*, a mesma concepção do puro raciocínio é retomada pela tese de que “deve-se conceder ao ceticismo a impossibilidade de segurar a especulação pelas suas próprias leis” (FICHTE, 1962 ss., I/5, p. 424; cf. 429).

Certamente, há diferenças entre a concepção fichtiana da autonomia reflexão teórica e a caracterização da especulação epistemológica como explicação de crenças que suspende qualquer relação com a realidade que está presente no *David Hume* de Jacobi. Assim, segundo Fichte a reflexão autônoma resulta no ‘ceticismo’, enquanto Jacobi vai falar do ‘niilismo’. Em Fichte, uma reflexão que se orienta exclusivamente pelas máximas da explicação teórica não chega a nenhuma

teoria positiva, mas acaba na dúvida universal, enquanto segundo Jacobi ela pode resultar numa teoria explicativa que não seria cética, mas 'nihilista', ou seja, negação da verdade de todas as crenças que são essenciais na vida. No entanto, Fichte e Jacobi têm em comum a tese de que uma reflexão que deixa espaço para todos os questionamentos e explicações que são possíveis na teoria necessariamente se distancia das crenças que são indispensáveis na vida, a ideia então de um abismo entre a especulação pura e a vida.

Essa concepção da relação entre especulação e vida implica um outro ponto de convergência entre Fichte e Jacobi: a tese de que o ceticismo (ou niilismo) só pode ser evitado se tiver algo "que para e ata o voo livre do pensamento" (FICHTE, 1962 ss, I/5, p. 424). Para uma reflexão não ser cética, é preciso que ela seja baseada em determinadas crenças dentro das quais ela opera – às quais ela está "atada" –, apesar da possibilidade teórica de pôr essas crenças em dúvida. E, concordando com Jacobi, Fichte vê a natureza da 'fé' no fato de que ela exclui questionamentos e a busca por mais razões, apesar de tal investigação no contexto da reflexão teórica ser possível e até inevitável. Assim, Fichte chega à concepção de uma reflexão que está fundada na 'fé' e que utiliza argumentos e explicações dentro do quadro de crenças que está dado com a fé. Isso corresponde à imagem do conhecimento da 'razão' que Jacobi introduziu na segunda edição do seu livro sobre Espinosa – à ideia de um emprego de explicações e demonstrações que se funda na perspectiva da fé e que evidencia os conteúdos desta como uma condição da inteligibilidade do 'condicionado', sendo inacessíveis para a compreensão construtiva.

No entanto, nos escritos citados de 1798/99 Fichte não formula essa concepção de tal modo que fique claro em que medida ela é relevante para a Doutrina da Ciência. O ponto de vista da fé aqui é atribuída só à 'consciência natural', não sendo associado ao ponto de vista da reflexão filosófica. Deve-se dizer isso também em relação ao escrito posterior de Fichte *Die Bestimmung des Menschen* (O destino do homem), que claramente mostra a influência do pensamento de Jacobi. No segundo livro do escrito, justamente a reflexão autónoma é apresentada que segundo os escritos de 1798/99 faz com que caiamos 'no

insondável que não tem limite'. Fichte aqui aproxima-se da concepção jacobiana da especulação pura como 'niilismo' (e não ceticismo) ao dizer que esta 'aniquila' (*vernichtet*) toda realidade. O terceiro livro do escrito finalmente introduz o compromisso do pensamento com a fé como a única solução da situação desesperada que resultou do raciocínio do segundo livro. No entanto, aqui também a fé é explicitamente atribuída ao ponto de vista do "pensamento natural" que é caracterizado pela convicção de poder espontaneamente formar conceitos de fins e de poder realizá-los através de um "agir real fora do conceito" (FICHTE, 1962 ss., I, 6, p. 257 e p. 255). A convicção de ser um agente 'real' é a crença que, segundo o terceiro livro do *Destino do Homem*, subjaz à nossa relação com o mundo, como relação dupla com um mundo sensível e inteligível. A reflexão teórica do segundo livro possui a função de deixar claro que tal convicção é "fé", e não "saber" no sentido de um autoconhecimento último que seja imune a questionamentos e dúvidas teóricos. Assim, novamente aparece a tese de um abismo entre a especulação como reflexão definitivamente cética (ou, agora, niilista) e distanciada da fé, e o ponto de vista da 'vida' ou do pensamento 'natural' para a qual a crença de ser um agente livre é essencial.

Ambos os escritos citados de 1798/99 e *O Destino do Homem* não tratam da metodologia da doutrina da ciência. Por isso, neles a concepção da reflexão teórico-autônoma como cética não tem consequências que dizem respeito ao conhecimento filosófico. No entanto, é inegável que de tal compreensão resultam consequências também em relação à concepção do método da doutrina da ciência. Porque esta não deve ser uma reflexão cética que cai no "insondável que não tem limite". Portanto, a doutrina da ciência deve estar fundada em princípios que são evidentes, mas não no sentido de serem imunes a dúvidas no plano da pura especulação. No entanto, isso significa que também a Doutrina da Ciência – e não apenas o pensamento 'natural' – se baseia em crenças que devem ser caracterizadas como 'fé'. O método da doutrina da ciência deve então corresponder à concepção do conhecimento da razão que Jacobi finalmente introduziu e que difere da 'especulação' no sentido de uma reflexão que se orienta exclusivamente pelas máximas do questionamento teórico. Nas observações metodológicas de Fichte

que estão relacionadas com a Doutrina da Ciência *nova methodo*, isso é exprimido de modo mas claro na *Segunda Introdução* de 1797: alí, Fichte fala da fé na realidade da intuição intelectual (*Glaube an ihre Realität*) como pressuposto da doutrina da ciência (FICHTE, 1962, I/4, p. 219)⁷.

A diferença entre as concepções de Jacobi e de Fichte acerca da relação entre a reflexão filosófica e o ponto de vista da vida

Como se mostrou, Jacobi não caracteriza adequadamente a relação da sua própria posição com a Doutrina da Ciência ao caracterizar esta como pura “especulação” que destrói a evidência da fé. No entanto, isso não significa que a crítica de Jacobi a Fichte de 1799 apenas dá expressão a um mal-entendido sem que haja alguma diferença real com o pensamento fichtiano. O projeto de uma reflexão orientada pelo ponto de vista da fé ainda deixa espaço para diferenças significativas no que diz respeito à natureza da reflexão filosófica. Que tais diferenças existem, apesar do consenso acerca das consequências da especulação autónoma, Fichte expressa ao dirigir-se a Jacobi na *Apelo* — que ao mesmo tempo mostra a afinidade do seu pensamento com Jacobi — com as palavras: “E entre os filósofos você, nobre Jacobi, cuja mão seguro com confiança; mesmo que pensemos diferentemente sobre a mera teoria, aquilo que aqui é importante você disse já há muito tempo, exatamente como eu o concebo” (FICHTE, 1962 ss., I/V, p. 447). Portanto, é preciso entender em que medida Fichte pensa diferentemente sobre a “mera teoria”, apesar de concordar com Jacobi em relação à necessidade de orientar a teoria pela fé que é indispensável na vida.

Na primeira reação à carta de Jacobi — numa carta a Reinhold do dia 22 de abril de 1799 — Fichte esclarece o que ele considera a raiz da divergência entre seu projeto filosófico e o de Jacobi: a teoria, diz

⁷ Segundo IVALDO (2004), p. 64 e ZÖLLER (2004), p. 44, a conclusão meta-filosófica do debate com Jacobi que é adotada por Fichte seria a de que a doutrina da ciência deve tematizar a fé e compreender seu papel fundamental para nosso acesso à realidade. No entanto, segundo a tese defendida aqui, pelo menos na fase da doutrina da ciência *nova methodo* Fichte adotou a ideia metodológica de que a doutrina da ciência deve fundar-se na fé, e não apenas tematizá-la como fundamental para nossa relação consciente com a realidade.

Fichte aqui, mesmo sem ser um raciocínio puro e distanciado de qualquer conteúdo da fé, tem que adotar um outro ponto de vista do que o da vida. Porque ela deve explicar pressuposições que são constitutivas do ponto de vista da vida sem que nele se reflita sobre elas. “Aquilo no qual estamos envolvidos, que somos, não podemos conhecer. É preciso sair dele, colocar-se num ponto de vista fora dele. Esse sair da vida real, esse ponto de vista fora dela é a especulação” (FICHTE, 1962, III/3, p. 332). Por isso, um “ponto de unificação” (*Vereinigungspunkt*) entre especulação e vida no sentido de uma abordagem na qual a diferença entre os dois pontos de vista é suspensa é impossível.

Segundo Fichte, a crítica da doutrina da ciência como ‘nihilismo’ é uma consequência do fato de que Jacobi não reconhece a diferença entre os pontos de vista da ‘especulação’ e da ‘vida’. Porque sua crítica apoia-se no fato de que a doutrina da ciência não compreende a relação do pensamento natural com a realidade a partir da própria perspectiva desse pensamento, mas a submete a uma explicação construtiva. Nisso, Jacobi vê a destruição dessa relação com a realidade. Tal crítica pressupõe que pode haver um confronto entre a reflexão teórica e a perspectiva da consciência natural — que estes podem ser relacionados no mesmo plano de pensamento. É a essa suposição que Fichte objeta a diferença essencial entre os pontos de vista da ‘especulação’ e da ‘vida’.

No entanto, na sua resposta a Jacobi, Fichte enfatiza de modo muito unilateral a diferença entre os dois pontos de vista. Assim, numa das cartas já citadas a Reinhold, Fichte diz: “Viver é exatamente não-filosofar; filosofar é exatamente não-viver; e não conheço nenhuma definição mais adequada dos dois conceitos” (FICHTE, 1962, III/3, p. 333)⁸. Tais formulações poderiam dar a impressão de que a doutrina da ciência se distancia de qualquer crença que é essencial na vida. No entanto, não devemos esquecer diante disto a crítica fichtiana do ‘raciocínio puro’ que tem por consequência que só ao orientar-se pela fé a teoria pode evitar cair no ceticismo. Portanto, a diferença entre os pontos de vista da teoria e da vida não pode valer para o todo das crenças que

⁸ Fichte retoma a tese de que há uma diferença insuperável entre o ponto de vista da vida e o da filosofia no *Sonnenklarer Bericht an das größere Publikum ...* (Comunicado claro como o Sol ao grande Público ...) (ver FICHTE, 1962 ss., I/7, p. 246 ss.).

são indispensáveis no ponto de vista da vida. Assim, já no seu primeiro passo a doutrina da ciência apela a uma consciência da espontaneidade do próprio pensamento que, do seu próprio ponto de vista, é indispensável é imediata. É essa consciência que, segundo Fichte, possibilita a consciência do próprio agir que pressupõe a ideia de que ao adotarmos conceitos de fins exercemos a espontaneidade do nosso pensamento. Além disso, na sua explicação da autoconsciência prática a doutrina da ciência defende a ideia de uma identidade do agente que subjaz às suas ações. É em relação com essas teses da doutrina da ciência que se deve falar de uma *continuidade* entre teoria e vida (FICHTE, 1962 ss., I/4, p. 274 ss. e IV/3, p. 447 — manuscrito de Krause)⁹.

No entanto, para os passos na construção da teoria que são dados a partir desses pressupostos, a diferença com a perspectiva da relação consciente com a realidade que elas buscam elucidar é essencial. Aqui entra a diferença entre os pontos de vista que Fichte defende contra Jacobi, o que não significa que a concepção jacobiana do ponto de vista da vida deve ser rejeitada. Em vez disso, ela deve ser reconhecida e adotada como explicitação adequada da perspectiva que a filosofia deve explicar. Na doutrina da ciência *nova methodo*, essa diferença com Jacobi fica visível particularmente na explicação genética da relação perceptual com objetos externos. Ali, Fichte refere-se explicitamente a Jacobi, dizendo que este “em parte caracterizou de melhor modo entre todos os filósofos” essa relação com a realidade ao caracterizá-la como “revelação imediata”. Mas, acrescenta Fichte, “o filósofo” vincula essa relação com um “sentimento”, e isso significa: o filósofo explica a consciência da presença de objetos a partir de operações produtivas que nela não estão conscientes e que necessariamente são exercidas quando sensações ocorrem (FICHTE, 1962 ss, IV/2, p. 75 manuscrito de Halle).

Assim, o ponto de vista da Doutrina da Ciência é o da consciência da própria identidade e espontaneidade que é constitutiva do ponto de vista da vida. No entanto, dos demais elementos da nossa relação

⁹ Sob o aspecto de que ela se refere exclusivamente a aspectos práticos da consciência, a concepção fichtiana da fé corresponde ao conceito kantiano de fé racional (*Vernunftglaube*). Nesse sentido, pode-se dizer que a concepção fichtiana da fé está situada “entre” Jacobi e Kant (cf. ZOELLER, 1998, p. 34 ss.).

com a realidade a ‘mera teoria’ deve mostrar que sua origem é nada outro do que justamente essa consciência fundamental da liberdade, tal que aspectos do mundo que na ‘vida’ se apresentam como imediatamente dados são explicados a partir da autoconsciência prática. É essa ambivalência na relação da Doutrina da Ciência com a perspectiva da vida que faz com que Fichte concorde com Jacobi e divirja dele. Ela envolve a crítica do ‘raciocínio puro’ — em concordância com a crítica de Jacobi à especulação — bem como o acesso reconstrutivo-explicativo a evidências da vida que do seu ponto de vista aparecem ‘imediatos’, o que implica a diferença com Jacobi.

Referências:

FICHTE, J. G. *Gesamtausgabe der Bayerischen Akademie der Wissenschaften*. LAUTH, R.; GLIWITZKY, H. (Orgs). Stuttgart-Bad Cannstatt, 1962 ss.

HAMMACHER, K. (Org.) *Fichte und Jacobi* (= Fichte-Studien 14). Amsterdam-Atlanta: Rodopi, 1998.

IVALDO, M. *Fichte zu Jacobi in der ersten Transzendentalen Logik von 1812*. In: HAMMACHER, K. (Org.) 1998, p. 107-119.

IVALDO, M. Wissen und Leben. Vergewisserungen Fichtes im Anschluss an Jacobi. In: JAESCHKE-SANDKAULEN (Orgs.), 2004, p. 53-71.

JACOBI, F. H. *Werke*. HAMMACHER; KLAUS; JAESCHK; WALTER (Orgs). Hamburg-Stuttgart: Meiner-Frommann-Holzboog, 1998 ss. [ARS1].

JAESCHKE, W.; SANDKAULEN, B. (Org.) *Friedrich Heinrich Jacobi*. Ein Wendepunkt der geistigen Bildung der Zeit. Hamburg: Meiner, 2004.

KLOTZ, C. *Selbstbewusstsein und praktische Identität*. Eine Untersuchung über Fichtes Wissenschaftslehre nova methodo. Frankfurt: Klostermann, 2002.

SANDKAULEN, B. *Grund und Ursache. Die Vernunftkritik Jacobis*. München: Fink, 2000.

ZÖLLER, G. »*Das Element aller Gewißheit*« – Jacobi, Kant und Fichte über den Glauben, In: HAMMACHER (Org.). 1998, p. 21-41.

ZÖLLER, G. Fichte als Spinoza, Spinoza als Fichte. Jacobi über den Spinozismus der Wissenschaftslehre, in: JAESCHKE-SANDKAULEN (Orgs.) 2004, p. 37-52.

Recebido: 14/10/2015

Recevid: 10/14/2015

Aprovado: 18/11/2015

Approved: 11/18/2015

